



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

MONTIGLIO, Silvia. *Silence in the Land of Logos*. Princeton: Princeton University Press, 2000, 314pp.

Mateus Dagios¹

Os antigos gregos possuíam uma “cultura da palavra” — todas as esferas da vida pública, como os debates na assembléia, os rituais e o teatro, eram marcados pelo uso dos discursos. A ascensão da Polis contribuiu para desenvolver um tipo específico de “logos” que visava a persuasão por meio de argumentos.² Na esteira destas constatações a escritora Silvia Montiglio com seu livro “*Silence in the Land of Logos*” coloca-nos o seu importante tema de pesquisa: o silêncio e as diferentes práticas do silêncio como um modo discursivo no mundo grego.

O livro é a adaptação da tese de pós-doutorado da autora, defendida em 1995 na École des Hautes Études en Sciences Sociales sob a orientação de Nicole Loraux. Montiglio dialoga então com os grandes nomes do helenismo francês, como Louis Gernet, Jean-Pierre Vernant, Marcel Detienne e Pierre Vidal-Naquet. Já a importância que Montiglio dá à noção de cultura coloca o seu trabalho em uma perspectiva de antropologia histórica.

Na introdução (pp. 3-8) a autora defende o silêncio como uma prática cultural específica que pode ter diferentes significados para variados grupos e que assim pode se transformar de acordo com as mudanças sociais: “*If silence is a culturally specific notion, its meanings may be expected to change not only from civilization to civilization, but also within the same civilization across the time.*”³(p. 4) Montiglio coloca-nos o seguinte questionamento para desenvolver o texto: “Como o silêncio ressoa neste mundo marcado pela voz?” (“*How does silence resonate against this vocal background?*” – p. 3) É em busca dessa especificidade do silêncio e guiada por sua interrogação que Silvia Montiglio desenvolve os seus oito capítulos que tratam do mundo arcaico ao período clássico ateniense, abarcando desde Homero aos oradores e não esquecendo a leitura dos textos trágicos.

No primeiro capítulo (pp. 9-45), “*Religious Silence without an Ineffable God,*” Montiglio tenta demonstrar o erro em universalizar o significado do silêncio em diferentes

práticas religiosas. A análise da autora parte do significado da noção de “inefável” para mostrar que no panteão grego existem graus de silêncio (*degrees of silence*) exigidos pelas divindades. Assim, são mostrados os silêncios ligados à “iniciação religiosa”, mistérios órficos e a relação entre silêncio, pureza e impureza.

O segundo capítulo (pp. 46-81), “*A Silent Body in a Sonorous World: Silence and Heroic Values in the Iliad*,” é centrado na *Ilíada* de Homero, sendo que a autora deseja reconhecer as diferentes representações do silêncio feitas pelo Aedo. O mundo da *Ilíada* é o lugar da nobreza guerreira, no qual o corpo desempenha um importante papel de diferenciação social. Com este indício, Montiglio procura reconhecer expressões corporais no momento de “estar em silêncio.” É assinalada pela autora a existência de um vocabulário homérico para o silêncio — basta citar como exemplo a palavra *aneôî*, que é usada diante do maravilhoso ou o ficar mudo diante do fantástico, e também o silêncio da concordância que é colocado junto com o verbo *agamai*.

No capítulo seguinte (pp. 82-115), “*The Poet's Voice against Silence*,” é discutida a figura do Aedo e a sua relação com a voz, a verdade e o silêncio. Parte-se então de uma afirmação de Marcel Detienne que coloca o silêncio na poesia arcaica como equivalente ao esquecimento e a culpa e como oposição à memória, a qual é a glória e a verdade cristalizada pela voz. Montiglio desenvolve a sua análise na poesia de Píndaro, na qual ela descreve a oposição entre voz — memória e silêncio — esquecimento como um mediador poético.

O quarto capítulo (pp. 116-157), “*I Will Be Silent: Figures of Silence and Representations of Speaking in Athenian Oratory*,” concentra-se no silêncio como um artifício de retórica. A pergunta que pode ser feita ao texto de Montiglio é: Como o silêncio é explorado como argumento? Para responder a esta indagação, a autora explica alguns recursos retóricos muito usados na Antigüidade. Entre eles, um chamado *praeteritio*, que consiste em dizer que não falará de um tema em particular para chamar a atenção do auditório sobre este tema e a *aposiopesis*, que consiste em fazer um silêncio brusco ao fim de uma frase, de forma a eufemizar certas questões.

Na segunda metade do livro, nos quatro capítulos restantes, Montiglio passa a se dedicar exclusivamente à análise do silêncio na tragédia grega. A especificidade do texto trágico em relação às outras formas discursivas do mundo grego está no problema da ambigüidade. A tragédia grega é construída em sua estrutura por relações ambíguas entre as

personagens, entre o coro, entre os atores e os espectadores, entre os homens e o mundo dos deuses. A linguagem do texto não escapa dessa relação na qual a dúvida é sempre intrínseca.

O helenista Jean-Pierre Vernant lembra-nos de uma “multiplicidade de nível” no vocabulário trágico, ou seja, a mesma palavra liga-se a diferentes campos semânticos, pertencendo ao vocabulário religioso, jurídico e político. Cabe retomar uma pequena citação de Vernant que expõe a complexidade da palavra no texto trágico: “As palavras trocadas no espaço cênico têm, portanto, menos a função de estabelecer a comunicação entre as personagens que a de marcar os bloqueios, as barreiras, a impermeabilidade dos espíritos, a de discernir os pontos de conflito”.⁴

A autora, consciente do desafio que é interpretar a linguagem do texto trágico, desenvolve o seu quinto capítulo (pp. 158-192), “*Words Staging Silence*,” mostrando ao leitor que não podemos esperar semelhanças entre o silêncio no teatro moderno e o silêncio no teatro grego. Montiglio defende a idéia de que a tragédia grega rejeita o vazio em cena e favorece a continuidade do som; por isso, não podemos imaginar longos silêncios em cena no teatro grego. A menção ao silêncio na tragédia pode ser compreendida naquilo que a autora considera uma tendência cultural no mundo grego de associar o não-dito com o não-visto.

O sexto capítulo (pp. 193-212), “*Silence and Tragic Destiny*,” analisa o silêncio na trama trágica e os resultados que a escolha do falar ou não falar pode dar ao texto. O silêncio é comparado ao *Kairos*, ou seja, o momento oportuno — diferente do *Kairos*, o silêncio no mundo dos homens pode não refletir o destino, mas um momento confuso das personagens. Montiglio ressalta então a diferença entre o silêncio do profeta, o qual mostra um conhecimento superior pois este seu silêncio é uma vontade dos deuses, e o dos homens, que ficam em silêncio quando não sabem o desenrolar do próprio destino. No texto são analisadas principalmente as tragédias de Ésquilo e de Eurípides, mas não podemos deixar de lembrar que o Édipo Rei escrito por Sófocles também coloca em cena as diferenças entre a sabedoria do profeta e do herói trágico.⁵

O sétimo capítulo (pp. 213-251), “*Silence, a Herald of Death*,” anuncia uma complexa relação entre o silêncio e a morte. Montiglio analisa-a e compara diferentes textos gregos com a tragédia, inclusive os textos hipocráticos, nos quais a autora sinaliza diferenças entre o silêncio masculino e feminino. Já o oitavo capítulo (pp. 252-288), “*Silence, Ruse, and Endurance: Odysseus and Beyond*,” concentra-se na figura de Ulisses e os seus diferentes

silêncios dentro do pensamento grego. Inicialmente a autora nos lembra que o silêncio de Ulisses está ligado à *mêtis*, que é um tipo de inteligência ligado ao mundo prático. Nas épicas de Homero os silêncios de Ulisses estão ligados a um jogo de segredo, enquanto que no texto trágico Ulisses aparece com um silêncio ligado à estratégia e ao engano. Cabe lembrar o emblemático Ulisses da peça Filoctetes de Sófocles, o qual é retratado como um sofista dotado de poucos escrúpulos para alcançar o seu objetivo.

Assim, o livro “*Silence in the Land of Logos*” de Silvia Montiglio é de grande importância para uma historiografia que se preocupa com representações, lutas de representações e práticas discursivas. O tema do silêncio, como colocado pela autora, nos inspira a reavaliarmos a “fala” e a eloquência do “não-falar”. O projeto ambicioso de fazer uma pesquisa abrangente sobre o silêncio na Grécia Arcaica e Clássica, centrada em preocupações culturais, e o caráter antropológico que Montiglio dá ao estudo da História possibilitam uma leitura da autora a partir dos pressupostos da “Nova História Cultural”.

Para terminar esta resenha cabe lembrar de um fragmento de uma tragédia de Sófocles que diz: “*My son, be silent! Silence has many beauties.*”⁶ O livro de Montiglio ensina-nos a compreender algumas dessas belezas.

¹ Mestrando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (bolsista CNPq). Endereço eletrônico: mateusdagios@yahoo.com.br

² Para aprofundar o problema do Logos ver o livro de Michel Fattal: FATTAL, Michel. *Logos, pensée et vérité dans la philosophie grecque*. Paris: L’Harmattan, 2001.

³ Tradução: “Se o silêncio é uma noção culturalmente específica, é de se esperar que os seus significados mudem não só de civilização para civilização, como também dentro da mesma civilização através do tempo.”

⁴ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999. P. 20.

⁵ MARSHALL, Francisco. *Édipo Tirano: a tragédia do saber*. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2000.

⁶ SOPHOCLES. *Fragments*. Edited and translated by Hugh Lloyd -Jones. London : Loeb Classical Library, 2003. P. 34, fragment 81. Tradução: “Meu filho, silencia! O silêncio tem muitas belezas.”